

Afasia e inclusão social: panorama brasileiro na Fonoaudiologia

Aphasia and social inclusion: a Brazilian Speech-Therapy overview

Afasia y inclusión social: un panorama brasileño en Fonoaudiología

Elisabeth Araujo de Abreu* 

Daiana Moraes Balinha* 

Maria Lucia Gurgel da Costa** 

Lenisa Brandão* 

Resumo

Introdução: Os impactos da afasia vão além de alterações de linguagem ou comunicação, afetando a qualidade de vida e a participação social. Faz-se necessário, portanto, que o fonoaudiólogo atue de forma interdisciplinar e amplie seu escopo de atuação na terapia das afasias, indo além de uma perspectiva que foca majoritariamente na correção de déficits linguísticos. Esta comunicação discute a importância de metas de incentivo à inclusão social e aponta caminhos para melhor atender às demandas dessa população.

Objetivo: Discutir o trabalho do fonoaudiólogo no que tange a metas de enfrentamento dos impactos sociais da afasia. **Método:** Revisão não sistemática de literatura. São discutidos temas ligados à inclusão social e apresentadas iniciativas nacionais que promovem a participação social da pessoa com afasia.

Resultados: Apesar das lacunas ainda existentes, as ações crescentes de diversos grupos de convivência, a criação de associações e as campanhas de conscientização da população apontam para importantes sinais de mudança no escopo de atuação do fonoaudiólogo junto a essa população. **Conclusão:** Há um crescimento das intervenções em grupo e valorização de atividades artísticas oferecidas junto a pessoas que vivem com afasia. Os estudos sobre tais intervenções demonstram impactos positivos na qualidade de vida, participação social e funcionalidade da comunicação dessa população. São necessários esforços no sentido de trabalhar com a família e com a sociedade, bem como ampliar políticas públicas e oferecer serviços que promovam a inclusão social da pessoa com afasia.

Palavras-chave: Afasia; Qualidade de Vida; Participação Social.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

Contribuição dos autores:

EAA: Metodologia, Coleta de dados, Esboço do artigo.

DMB: Coleta de dados, Esboço do artigo.

MLG: Revisão crítica.

LB: Concepção do estudo, Revisão crítica, Orientação

E-mail para correspondência: Elisabeth Araujo de Abreu - elisabethabreu23@gmail.com

Recebido: 14/09/2020

Aprovado: 23/11/2020

Abstract

Introduction: The impacts of aphasia are not restricted to changes in language or communication, and affect both quality of life and social participation. Therefore, it is essential that speech-language pathologists work within an interdisciplinary approach and their scope of action in aphasia therapy should not be restricted to correct language deficits. This study discusses the importance of social inclusion goals in aphasia therapy, suggesting ways to better meet the demands of this population. **Objective:** To discuss the role of speech-language pathologists in tackling the social impacts of aphasia. **Method:** This is a non-systematic literature review that addresses topics related to social inclusion, as well as current Brazilian initiatives that promote social participation for people with aphasia. **Results:** Despite remaining gaps, there are important signs of a change in perspective and scope of action of speech-language pathologists, such as increasing actions involving peer groups, the development of associations, as well as nation-wide awareness campaigns. **Conclusion:** There has been an increase in group interventions, as well as greater promotion of artistic activities for people with aphasia. Studies on these interventions report positive impacts on quality of life, social participation and functional communication for this population. Further combined efforts with family members and society as a whole are needed, as well as the promotion of policies and services that promote social inclusion for people with aphasia.

Keywords: Aphasia; Quality of Life; Social Participation.

Resumen

Introducción: los impactos de la afasia van más allá que las alteraciones de lenguaje o de comunicación, afectando la calidad de vida y la participación social. Sin embargo, es necesario que el logopeda trabaje de forma interdisciplinar y amplíe su alcance de atención a la terapia de afasia, más allá de una perspectiva centrada en la corrección de déficits lingüísticos. Esta comunicación analiza la importancia de metas de incentivo y de medidas de inclusión social para satisfacer mejor las demandas de esta población. **Objetivo:** Discutir el trabajo del logopeda en relación con las metas de enfrentamiento del impacto social de la afasia. **Métodos:** revisión no sistemática de literatura. Son discutidos temas relacionados con la inclusión social y la presentación de iniciativas brasileñas que promueven la participación social de la persona con afasia. **Resultados:** aún que existan faltas, las iniciativas crecientes de variados grupos de convivencia y la creación de asociaciones y de campañas de concientización indican haber cambios importantes en el ámbito de actuación del logopeda junto a esta población. **Conclusión:** Ha habido un aumento en las intervenciones en grupo y en las actividades artísticas ofrecidas a las personas que viven con afasia. Los estudios sobre estas intervenciones demuestran impactos positivos en la calidad de vida, la participación social y la funcionalidad de esta población. Son necesarios esfuerzos en el sentido de trabajar junto a familia y la sociedad, así como expandir las políticas públicas y el ofrecimiento de servicios que promuevan la inclusión social de la persona con afasia.

Palabras clave: Afasia; Calidad de Vida; Participación Social.

Introdução

Há mais de uma década já se tem conhecimento das altas incidências de depressão e deficiência entre sobreviventes de acidente vascular cerebral (AVC) no Brasil. A principal causa da afasia é o AVC e os dados demonstram que em nosso país os sobreviventes de AVC que mais enfrentam a depressão e os baixos índices de qualidade de vida são aqueles que apresentam déficits de comunicação. Devido ao impacto da comunicação na qualidade

de vida, pode-se depreender que dentre os sobreviventes de AVC, as pessoas que vivem com afasia estão entre aquelas que mais sofrem de depressão e redução da participação social.¹

No que tange a diretrizes de atendimento aos sobreviventes de AVC, um marco significativo no Brasil foi a publicação das Diretrizes Nacionais de Atenção à Reabilitação da Pessoa com AVC. As diretrizes orientam equipes multiprofissionais de saúde quanto aos cuidados em reabilitação, levando em conta as disfunções físicas, auditivas,

visuais, intelectuais e emocionais de indivíduos que sofreram AVC.² Apesar de sua inquestionável importância para o avanço na atenção à pessoa com AVC, é válido questionar a pouca ênfase à afasia nas diretrizes e o predomínio de metas de reabilitação, sem enfoque claro de inclusão social.

A vulnerabilidade psicossocial da pessoa com afasia é razão forte para que o fonoaudiólogo busque promover mudanças na vida diária relacionadas à comunicação com essa população e a promoção de seu bem-estar.³ O aprofundamento do trabalho em inclusão social nas afasias demanda uma discussão ampla que envolve repensar o papel ofertado ao indivíduo com afasia na tomada de decisões sobre suas prioridades de vida.

No âmbito da avaliação, é importante que o fonoaudiólogo utilize ferramentas que informem a respeito da percepção do afásico e de seus familiares sobre como este se sente em situações comunicativas e o quanto participa de situações sociais.⁴

A literatura revela um descompasso entre perspectivas holísticas de cuidado à pessoa com afasia, entendimento dos impactos sociais da afasia e a realidade dos serviços ofertados. Relatos de fonoaudiólogos atuantes em serviços de saúde em seis países demonstram que a abordagem na afasia tende a ter foco quase que exclusivo no reparo aos déficits do indivíduo e oferecem intervenções com limites rígidos de tempo. Também foi relatada a despriorização da comunicação em função de escolhas de concentração no tratamento da disfagia, seja por pressões de excesso de trabalho, seja por impacto de diretrizes de alta hospitalar nos períodos de internação e na duração dos serviços. Esse dado reflete um entendimento de que o atendimento fonoaudiológico deve se focar exclusivamente em fase aguda, desconsiderando que a afasia, por muitas vezes, é uma condição crônica.⁵

Fonoaudiólogos também levantam preocupações relativas à limitação de tempo do acompanhamento terapêutico e destacam a necessidade de novas pesquisas para fortalecer as evidências em favor do manejo de longo prazo da afasia. A posse de competências e habilidades para oferecer um modelo holístico de reabilitação é identificada como principal fator que influencia a implementação de serviços que promovam a inclusão social da pessoa com afasia.⁶

A presente comunicação objetiva discutir o trabalho do fonoaudiólogo no que tange a metas de enfrentamento dos impactos sociais da afasia.

Inicialmente, são discutidas três questões consideradas cruciais para fundamentar o papel do fonoaudiólogo no alcance de metas de inclusão social: (1) ampliação do foco em funcionalidade da comunicação; (2) empoderamento da pessoa que vive com afasia; (3) conscientização da sociedade sobre as mudanças que esta deve fazer para incluir a pessoa com afasia e construção de políticas públicas de inclusão social da pessoa que vive com afasia. Em seguida, é realizada uma revisão não-sistemática de literatura em que é traçado um panorama amplo e não exaustivo de iniciativas brasileiras que vêm buscando promover o alcance dessas metas. Essas iniciativas consistem principalmente na promoção de convivência em espaços sociais e culturais, bem como da prática da arte por pessoas com afasia.

Funcionalidade da comunicação

A ideia de que a intervenção fonoaudiológica na afasia deve ir além de componentes linguísticos isolados não é nova. O conceito de funcionalidade na comunicação, ou comunicação funcional, é frequente na literatura, ainda que sua definição não seja um consenso. Na presente comunicação, entende-se o conceito como complexo e composto por múltiplas variáveis: (1) interação; (2) multimodalidade; (3) baseado no que é partilhado entre os participantes da comunicação, tal como conhecimento compartilhado ou diferente entre falantes, ambiente físico e comunicacional.⁷

Na perspectiva da funcionalidade da comunicação, aspectos não-verbais não são excluídos da terapia fonoaudiológica; ao contrário, são importantes aliados. Assim, consideram-se as habilidades comunicativas preservadas na superação de dificuldades linguísticas. Nesse âmbito, a comunicação suplementar e alternativa é uma importante ferramenta, especialmente em casos onde a expressão oral está bastante prejudicada de forma crônica. Entende-se a comunicação suplementar e alternativa como todo recurso que faz uso de gestos, imagens, leitura e escrita, quando possível.⁸

É importante que a pessoa que vive com afasia, seus familiares e a sociedade percebam que a afasia não destrói a capacidade discursiva, já que é possível lançar mão de diferentes estratégias comunicativas não verbais coexistentes ou compensatórias em relação à fala e à escrita, como os gestos, o olhar e a postura corporal. Processos linguísticos preservados permitem ainda os reparos e as reformulações na conversação, bem como es-

estratégias de checagem da intenção comunicativa, paráfrases e explicações. A conversação da pessoa com afasia é uma construção que envolve auxílios orais e gestuais do interlocutor, e esses aspectos merecem maior atenção dos modelos terapêuticos.⁹

Um dos modelos de intervenção que enfoca a orientação ao interlocutor é o *Communication Partner Training* (CPT). Esse modelo de intervenção visa instrumentalizar os interlocutores do indivíduo com afasia, como familiares, cuidadores, amigos e profissionais da área da saúde, de modo a promover a comunicação funcional. A valorização deste tipo de abordagem mostra uma importante mudança de foco terapêutico, demonstrando conscientização de que a comunicação requer um esforço conjunto.¹⁰

Empoderamento

O conceito de empoderamento no âmbito da saúde pode servir como importante referencial, visando à centralidade do indivíduo nas decisões que lhe dizem respeito e que impactam sua saúde. Empoderamento, traduzido do inglês *empowerment*, refere-se a processos e resultados relacionados a questões de controle, consciência crítica e participação.¹¹ Pode, ainda, ser entendido em articulação com o modelo social da deficiência, o qual promove metas de combate a estigmas. O empoderamento dessa população na defesa de seus direitos torna-se, portanto, uma meta pela qual passam a eliminação de rótulos, o respeito à individualidade e à autonomia, e a participação em diferentes espaços sociais e culturais.¹²

No cenário internacional, o conceito de empoderamento aparece como norteador em iniciativas voltadas a pessoas com afasia. Um exemplo significativo é a abordagem da *Life Participation Approach to Aphasia*, que promove a escuta acerca de metas e objetivos pessoais, considerando as necessidades e interesses do indivíduo com afasia nas decisões e direcionamento de sua própria reabilitação.¹

Uma revisão sistemática¹³ investigou a perspectiva de pessoas com afasia acerca de sua própria recuperação e sua qualidade de vida pós-AVC. Destacaram-se fatores como: apoio social através de relacionamentos e de estruturas e atitudes mais amplas da comunidade; um entendimento coletivo sobre o que é a afasia; inclusão social dos indivíduos de modo a que se sintam membros ativos da comunidade; a presença de apoio centralizado no

indivíduo; e a presença de profissionais preparados, bem como de acessibilidade de informações.

Nesses relatos é clara a concepção de que as necessidades e interesses do indivíduo e de sua família devem estar no centro das decisões terapêuticas, conferindo horizontalidade às relações terapeuta-paciente e promovendo autonomia. Fica evidenciada, ainda, a importância de um envolvimento da sociedade como um todo, o que é central ao se pensar metas de inclusão. Na prática, essas metas passam pela conscientização acerca da afasia e por mudanças estruturais que permitam maior apoio a essa população.

Conscientização social e políticas públicas

A necessidade de conscientização acerca da afasia é urgente no Brasil. Um estudo realizado em 2013 entrevistou 120 pessoas entre 18 e 72 anos de idade. Os dados revelaram que 20% das pessoas “ouviram falar sobre afasia”. Os participantes não tinham clareza a respeito das causas da afasia, e tampouco sabiam descrever suas características. A maioria das pessoas entrevistadas citou que conhecia a afasia pelo contato pessoal com pessoas acometidas, o que mostra a restrição de outras fontes de informação.¹⁴

Além de campanhas de conscientização da sociedade, é preciso avançar no sentido de construir políticas públicas para garantia de direitos. Um dos maiores desafios sociais da pessoa com afasia relaciona-se com a falta de acessibilidade a diferentes espaços comunitários, uma lacuna que se evidencia não apenas nas condições físicas mas também atitudinais em ambientes. Além disso, há barreiras significativas em serviços, sistemas e políticas de reinserção no trabalho e emprego. É essencial, portanto, que o planejamento em nível de políticas públicas abarque a identificação dessas falhas e vise a um planejamento capaz de contemplar a singularidade dos indivíduos.¹⁵

Um exemplo significativo de busca de avanço político é o Projeto de Lei 311/2018, que propõe a inclusão de distúrbios da comunicação no rol dos impedimentos que caracterizam deficiência.¹⁶

A garantia de direitos das pessoas com distúrbios de comunicação merece atenção especial no que tange ao fornecimento de orientação e apoio à família e combate ao estigma na sociedade. Políticas de intervenção com foco único no indivíduo, demandando dele esforço e superação

para se adequar a expectativas de normalidade, constituem uma visão capacitista que entende diferenças comunicativas automaticamente como incompetência. A consequência imediata disso é demanda por atitudes de heroísmo daqueles que vivem e convivem com a afasia e que se veem como os únicos responsáveis pela superação de obstáculos.¹⁷

Descrição

A presente comunicação é uma revisão não-sistemática de literatura. Foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados: Google Scholar, Lilacs, Scielo, Pubmed, Periódicos CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Buscaram-se estudos realizados até o presente momento sobre afasia e as seguintes temáticas no cenário brasileiro: empoderamento, convivência social, práticas artísticas e inclusão social.

Tendo em vista a pluralidade de tópicos, foram utilizadas múltiplas combinações de termos: afasia e arte; afasia e inclusão social; afasia e empoderamento; afasia e teatro; afasia e grupos de convivência. Além disso, foram realizadas buscas fora de bases de dados indexadas, tendo em vista a relevância social de iniciativas não acadêmicas por meio de portais da *web*.

Optou-se por utilizar critérios de inclusão amplos: relação com ao menos uma das temáticas e presença de reflexão crítica. Os critérios de exclusão utilizados foram: produção não referente ao cenário brasileiro. Não foram utilizados critérios de tipo ou data da publicação. Devido ao escopo limitado desta revisão, não foi possível incluir a totalidade dos achados. Foram excluídas publicações que tratassem de iniciativas já apresentadas, neste caso, dando-se prioridade à publicação com maior detalhamento e discussão da proposta.

Esses critérios amplos refletem o escopo mais geral desta revisão, e tem como objetivo viabilizar um panorama nacional, ainda que não exaustivo. Esse panorama foi subdividido em dois tipos de iniciativas: grupos de convivência e associações e grupos que promovem o contato com a arte por pessoas com afasia.

Grupos de Convivência e Associações

Na busca, verificou-se uma tendência na literatura de trabalhos envolvendo grupos de convivência. Essa modalidade tem se mostrado muito

rica e bem aceita em diferentes contextos teóricos e práticos, havendo publicações de diferentes regiões do país e com escopo amplo de atividades.

Intervenções em grupo na afasia têm enorme potencial para a promoção de inclusão, levando em consideração fatores sociais e discursivos.¹⁸ Além de evidências internacionais, existem publicações nacionais fornecendo evidências de que a intervenção em grupo na afasia leva à melhora em habilidades comunicativas e na qualidade de vida.¹⁹

Como cerne, vê-se o objetivo de ampliar as possibilidades de expressão e interação dos participantes, entendendo a comunicação numa perspectiva funcional e que inclui outras modalidades além da linguagem.²⁰ Ademais, há atividades em diferentes espaços, algo relevante na perspectiva de inclusão social por ser um modo não apenas de proporcionar interação em novos contextos, mas também de conscientizar a comunidade mais ampla sobre afasia. Nas intervenções, são abarcadas visitas culturais, atividades de cunho artístico, retomada de hobbies, discussão de notícias, entre outras atividades, havendo grande abertura para atuação interdisciplinar.^{16,21}

Pensando na relação com a sociedade de modo mais amplo, outro tipo de ação pode ser vista em associações e organizações independentes. São entidades de extrema importância para o alcance de metas de empoderamento. Nelas, há propagação de informação e apoio direto a pessoas com afasia e seus familiares; e sua função social de conscientização pode e deve chegar à participação em conselhos de saúde e de direitos da pessoa com deficiência. O desenvolvimento de uma articulação política é essencial para que se pense a inclusão, visto o impacto inegável do desconhecimento acerca da afasia por parte da sociedade.^{22,23}

No que tange a interlocução direta com a sociedade, é essencial ressaltar a importância de plataformas e sites na internet. Seu potencial para amplificar o alcance de campanhas e o acesso à informação não deve ser ignorado. Podem ser, ainda, uma porta de entrada para um contato e apoio mais direto, e são instrumentais na promoção de um maior entendimento da sociedade sobre a experiência de viver com afasia.^{24,25}

O papel da arte na expressão da pessoa com afasia

Além de publicações voltadas para grupos de convivência e associações, verificou-se, na busca,

a presença de iniciativas calcadas na expressão artística na afasia. As artes têm um grande potencial como meio para alcançar as metas de empoderamento e qualidade de vida para pessoas com afasia. Através da expressividade artística, oferece-se espaço para o fortalecimento da autonomia e ressignificação do que é viver com afasia, assumindo papéis sociais ativos. Ademais, a arte valoriza a expressão por meios múltiplos de comunicação, o que tem especial importância em uma concepção de intervenção fonoaudiológica que transcende a recuperação de funções linguísticas perdidas.

Há iniciativas que utilizam a arte como um instrumento de empoderamento da pessoa com afasia para promover transformação social. Evidências iniciais indicam que a expressão por meio da arte pode aumentar o bem-estar psicossocial de pessoas que sobrevivem ao AVC.²⁶ Intervenções em grupo, em especial, trazem benefícios para a expressão individual, confiança para atingir objetivos, além de proporcionar um meio seguro para expressar a diversidade comunicativa. Há indícios, ainda, de que a participação em grupos de arte diminui significativamente a depressão e tem impactos positivos na concentração, motivação, funcionalidade e qualidade de vida dessa população.²⁷

Embora diversas modalidades artísticas possam se encaixar no objetivo de intervenção, as Artes Cênicas têm tido destaque no Brasil.^{28,29} Nessa atuação, vê-se uma ampla mudança de contexto e paradigma. Transcende-se o espaço clínico e acadêmico para se abarcar espaços culturais. Há, aliada a isso, ênfase em exploração de diversas modalidades de expressão, alicerçada pela troca interdisciplinar com as Artes Cênicas. Por fim, o papel exercido pela pessoa com afasia também é outro, saindo da posição exclusiva de paciente em reabilitação para participante em um grupo, e, ainda, agente em produções culturais, a exemplo de apresentações teatrais.

A prática da arte *clownesca* por pessoas com afasia é modalidade promissora no que diz respeito a promoção do bem estar subjetivo e qualidade de vida. As regras sociais são bastante distintas na interação entre aprendizes palhaços. O *clown* é bem sucedido quando ele compartilha seu fracasso com humor. Esse é um aspecto revolucionário que pode modificar profundamente a percepção de si mesmo e da sociedade enquanto espectadora. Além disso, a forma de comunicação do *clown* é desapegada do conceito de certo ou errado, favorecendo o am-

plio uso de estratégias funcionais multimodais e a valorização de estilos pessoais de comunicação.³⁰

Discussão

A breve revisão realizada evidencia importantes tendências no âmbito da atuação fonoaudiológica na área das afasias no Brasil, com o crescente desenvolvimento de grupos de convivência, associações e projetos artísticos. Há evidências de que esses tipos de intervenção beneficiam a qualidade de vida de pessoas que vivem com afasia, e o avanço na disseminação dessas práticas se mostra como forte aliado do fonoaudiólogo na luta por uma abordagem que contemple os impactos sociais da afasia.

Como se explicitou nas seções iniciais desta comunicação, o estabelecimento de metas que contemplem o impacto social da afasia é tarefa complexa e perpassa questões de funcionalidade na comunicação, empoderamento, conscientização social e políticas públicas. A atuação de associações, grupos de convivência e grupos de práticas artísticas é instrumental em todos esses âmbitos.

Por um lado, grupos de convivência e de práticas artísticas ampliam horizontes de comunicação, frequentemente trabalhando num paradigma de co-construção discursiva e uso de diferentes estratégias e humor. Ao mesmo tempo, colocam a pessoa com afasia em uma posição ativa e central na própria tomada de decisões, contribuindo para seu empoderamento. Simultaneamente, há, nesses contextos, possibilidades para instrumentalização e apoio aos interlocutores das pessoas que vivem com afasia, promovendo adaptações necessárias à funcionalidade da comunicação em uma perspectiva de empatia e respeito à diversidade.

Ao mesmo tempo, as associações e iniciativas de conscientização atuam, para além de interlocutores imediatos, na relação da sociedade com a afasia, também viabilizando que essa população se articule para lutar por direitos, o que implica atenção a questões de política pública. Essa atuação em âmbito macrossocial não está além do escopo do fonoaudiólogo: o desconhecimento generalizado acerca das dificuldades enfrentadas pelo afásico tem impactos diretos em sua vida diária. De fato, a atenção crescente dada pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia às campanhas do Mês da Conscientização sobre Afasia é um claro indício da valorização dessa temática na Fonoaudiologia.

Há um longo caminho a percorrer em termos de avanços em políticas públicas que promovam a inclusão social e acessibilidade comunicativa das pessoas que vivem com afasia e o apoio aos seus familiares. A inclusão dos distúrbios da comunicação dentre as características que podem fazer parte do quadro de deficiências pode fomentar uma articulação com a busca de direitos já difundidos para outros grupos. Isso, por sua vez, pode ter importantes desdobramentos no empoderamento de pessoas com afasia e auxiliar no desenvolvimento de um paradigma diferente para se lidar com as mudanças causadas por uma condição adquirida. Importante para que essa questão tenha repercussões construtivas é repensar a percepção acerca da deficiência que impera na maioria dos meios sociais.

O oferecimento de serviços como o acompanhamento terapêutico pode ser chave nesse sentido. A garantia de direitos poderia viabilizar o apoio a cuidadores e a participação de pessoas que não são independentes, seja pela gravidade do quadro motor, seja por dificuldades cognitivas. Para tal, vê-se, novamente, a necessidade de avanços inter e transdisciplinares, o que implica uma formação que contemple não apenas contextos hospitalares, mas também descentralização dos cuidados tanto em postos de saúde sob uma perspectiva de atenção à família e à comunidade, como em contextos não biomédicos, como associações, centros culturais e demais meios que, de fato, favorecem diretamente a inclusão social.

A universidade tem papel essencial na formação de profissionais de saúde qualificados para atuar em uma perspectiva biopsicossocial e interdisciplinar. É importante impulsionadora de debates e projetos que promovem transformação social. Projetos desenvolvidos em universidades devem ser cada vez mais estendidos para o Sistema Único de Saúde, abarcando uma parcela maior da população. Sob essa perspectiva, vê-se como necessário ampliar e dar continuidade à atenção ao cuidado da pessoa com AVC de forma a incluir práticas alinhadas aos princípios de integralidade, transcendendo o cuidado exclusivamente centrado na superação de déficits cognitivos.

Pensando, ainda, no princípio de universalidade e na acessibilidade aos serviços, um achado importante desta revisão é que, de modo geral, os programas de convivência tendem a ocorrer em grandes centros que não oferecem transporte especializado, o que implica em problemas de acessibi-

lidade. Como resultado, a socialização passa a ser quase que exclusivamente relegada ao cuidado de familiares que frequentemente não recebem apoio para os acompanhar. Ao mesmo tempo, os grupos de convivência e as associações que implementam intervenções em grupo oferecem um modelo importante a ser desenvolvido. Do mesmo modo, plataformas online podem ser instrumentais para apoio e acesso à informação.

Atualmente, a necessidade premente do uso dessas mídias para amortizar o impacto do isolamento social dos grupos de risco durante a pandemia COVID-19 sugere a crescente necessidade da inclusão digital. Evidentemente, são necessários avanços para políticas que viabilizem o acesso da população de baixa renda à tecnologia, e é provável que esse novo contexto interacional tenha repercussões perenes.

Considerações Finais

A presente comunicação teve como objetivo apresentar um panorama de possibilidades na atuação do fonoaudiólogo no que tange ao enfrentamento de impactos sociais da afasia. Tendo em vista o caráter frequentemente crônico da afasia, não é possível ignorar a importância do empoderamento para a qualidade de vida dessa população. O fonoaudiólogo deve avançar no sentido de estender sua atuação para além dos contextos clínicos e biomédicos, trabalhando em espaços culturais e comunitários. A participação em discussões políticas sobre o direito da pessoa com deficiência também deve ganhar espaço.

Observa-se consciência crescente da necessidade de fortalecer o entendimento em Saúde Coletiva e engajar a Fonoaudiologia cada vez mais na luta pela inclusão social do afásico. Avanços importantes podem ser alcançados a partir da adoção de filosofias que atendam as necessidades dos afásicos de forma interdisciplinar, particularmente em interação com áreas como a Psicologia e as Artes. É necessário valorizar propostas de avaliação, intervenção, formulação de políticas públicas e pesquisas que estimulem a reestruturação dos serviços, abarcando os impactos psicossociais da afasia.

Referências bibliográficas

1. Carod-Artal FJ, Trizotto DS, Coral LF, Moreira CM. Determinants of quality of life in Brazilian stroke survivors. *J Neurol Sci.* 2009; 284(1-2): 63-8.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Acidente Vascular Cerebral. Brasília. 2013 [acesso em 22 de julho de 2020]. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_acidente_vascular_cerebral.pdf
3. Chapey R, Ducha JF, Elman RJ, Garcia LJ, Kagan A, Lyon JG, Simmons-Mackie N. Life Participation Approach to Aphasia: A Statement of Values for the Future. *ASHA Lead.* 2000; 5(3): 4-6.
4. Kagan A, Simmons-Mackie N. Counting what counts: A framework for capturing real-life outcomes of aphasia intervention. *Aphasiology.* 2008; 22(3): 258-80.
5. Trebilcock M, Worrall L, Ryan B, Shrubsole K, Jagoe C, Simmons-Mackie N. Increasing the intensity and comprehensiveness of aphasia services: identification of key factors influencing implementation across six countries. *Aphasiology.* 2019; 33(7): 865-87.
6. Foster A, O'Halloran R, Rose M, Worrall L. "Communication is taking a back seat": Speech pathologists' perceptions of aphasia management in acute hospital settings. *Aphasiology.* 2014; 30(5): 585-608.
7. Doedens WJ, Meteyard L. Measures of functional, real-world communication for aphasia: a critical review. *Aphasiology.* 2020; 34(4): 492-514.
8. Galli JFM, Oliveira JP, Deliberato D. Introdução da comunicação suplementar e alternativa na terapia com afásicos. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* [periódico na Internet]. 2009 [acesso em 21 de Julho de 2020]; 14(3): [aproximadamente 10 p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342009000300018&lng=en
9. Morato EM. Das relações entre linguagem, cognição e interação - algumas implicações para o campo da saúde. *Linguagem em (Dis)curso.* 2016; 16(3): 575-90.
10. Simmons-Mackie N, Raymer A, Cherney LR. Communication partner training in aphasia: an updated systematic review. *Arch of Phys Med Rehabil.* 2016; 97(12): 2202-21.
11. Perkins DD, Zimmerman MA. Empowerment theory, research, and application. *Am J Community Psychol.* 1995; 23(5): 569-79.
12. Bampi, LNS, Guilhem, D, Alves, ED. Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência. *Rev Lat Am Enfermagem.* 2010; 19(4): 1-9.
13. Manning M, MacFarlane A, Hickey A, Franklin S. Perspectives of people with aphasia post-stroke towards personal recovery and living successfully: A systematic review and thematic synthesis. *PLoS One* [periódico na Internet]. 2019 [acesso em 21 de julho de 2020]; 14(3): [aproximadamente 22 p.]. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0214200>
14. Avejonas DRM. Consciência em afasia e atenção à saúde. Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 22 a 25 de setembro de 2013; Porto de Galinhas. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2013.
15. Pommerehn J, Delboni MCC, Fedosse E. Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde e afasia: um estudo da participação social. *CoDAS* [periódico na Internet]. 2016 [acesso em 2 de junho de 2020]; 28(2): [aproximadamente 9 p.]. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822016000200132
16. Brasil. Projeto de Lei nº 311, de 2018. Altera a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), para incluir as dificuldades de comunicação e expressão no rol dos impedimentos que caracterizam a pessoa com deficiência. Brasília: Senado Federal; 2018 [acesso em 2 de junho de 2020]. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/133715>
17. Mackay R. 'Tell them who I was'[1]: the social construction of aphasia. *Disabil Soc.* 2003; 18(6): 811-26.
18. Santana AP. Group treatment in the context of aphasia. *Distúrbios Comun.* 2015; 27(1): 4-15.
19. Lima RR, Massi GA, Guarinello AC, Silveira NC, Cuozzo LG, Weber AH, Cabral NL, Lima HN. The impact of group therapy for aphasia on quality of life. *Aphasiology.* 2018; 32(1): 126-7.
20. Costa MLG, Vitor MVS, Pereira VPN, Marinho. Dêixis referencial no discurso de um Grupo de Convivência de Afásicos. *Let Hoje.* 2013; 48(1): 68-73.
21. Pinto RCN, Lima AR. Centro de Convivência de Afásicos (CCA): o trabalho com a linguagem em uma perspectiva interdisciplinar. XXVII Congresso da Associação Latinoamericana de Sistemas de Saúde; 21 a 23 de julho de 2016; Brasília. Brasília: Actas CALASS; 2016.
22. Schell MHB, Cordeiro DT, Machado NAF, Dias AM, Santos M, Rocha S, Galvan TD. A reconquista da autonomia do afásico na construção de uma associação: relato de experiência. XXII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 08 a 11 de outubro de 2014; Joinville. Joinville: Anais do XXII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2014.
23. Brandão L, Bauer MA, Duarte-Junior S. O grupo afásico como experiência de mudança paradigmática na reabilitação. In: Fontoura DR, Rodrigues JC, Fonseca RP, Parente MAMP, Salles JF, editores. *Teoria e Prática na Reabilitação Neuropsicológica.* São Paulo: Vetor; 2017. p.10-30.
24. Tubero AL. Portal da Afasia [homepage na Internet]. São Paulo: Portal da Afasia; c2011-02 [atualizada em 2020 Maio 29; acesso 2020 Junho 02]. Disponível em: <https://www.afia.com.br>
25. Kerr MS. Rede Afasia Brasil [homepage na Internet]. São Paulo: Rede Afasia Brasil, c2016-02 [atualizada 2020 Maio 29; acesso em 2020 Junho 02]. Disponível em: <http://redeafasiabrasil.com.br>
26. Morris JH, Kelly C, Joice S, Kroll T, Mead G, Donnan P, Toma M & Williams B. Art participation for psychosocial wellbeing during stroke rehabilitation: a feasibility randomised controlled trial. *Disabil Rehabil.* 2019; 41(1): 9-18.
27. Kongkasuwan R, Kotchakorn V, Prim P, Pichai M, Jiraporn B, & Vilai K. Creative Art Therapy to Enhance Rehabilitation for Stroke Patients: A Randomized Controlled Trial. *Clin Rehabil.* 2016; 30(10): 1016-23.
28. Monje RYPR. O ser em cena: afásico e cuidador no cenário da vida [Tese de Doutorado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2007.
29. Malachias AR, Gushiken L. Redescobrir a fala: intervenção teatral com pacientes afásicos atendidos no município de São Vicente. *BIS, Bol Inst Saúde.* 2017; 18(supl.): 61-3.
30. Duarte JS, Rocha JS, Brandão L. A prática da arte clownesca pela pessoa com afasia. *Rev. CEFAC.* No prelo 2020.